

FESTEJANDO HELDER MACEDO: UMA HOMENAGEM AO ESCRITOR, AO CRÍTICO, AO POETA, AO HOMEM

“A história era uma narrativa masculina. Isto é inteiramente absurdo, não faz sentido. Sobretudo tendo em mente que todos nós, homens, mulheres, machos, fêmeas, aprendemos tudo com a mulher. Nascemos da mulher. Aprendemos linguagem de mulher. Fomos alimentados por mulher. É a fonte, é o ponto de partida. Não há identidade, quer masculina, quer feminina, sem esse feminino gerador e transformador. Agora, se vamos esconder ou minimizar isso, estamos a minimizar a nossa própria identidade.”

(Macedo, 2024, 1:24:40 - 1:55:00)*

O presente dossiê temático da revista *Itinerários* nasceu das reflexões, diálogos e afetos suscitados durante o evento “Helder Macedo: uma homenagem ao escritor, ao crítico, ao poeta”, realizado em 19 de novembro de 2024, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e idealizado pela professora Camila da Silva Alavarce (PPGLit/UFSCar). Promovido pelo grupo de pesquisa “CEILI - Figuração Estéticas do Contingente, do Excêntrico e do Indizível na Literatura” - e transmitido de forma remota pelo canal do CECH, o encontro teve como objetivo celebrar a obra multifacetada de Helder Macedo, reunindo pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições em torno da relevância de sua escrita para os estudos literários.

O dossiê tem início com a conferência de abertura do evento, intitulada “Sobre Joanas, Paulas e Mari(s)as: a construção dos femininos e os bastidores dos afetos ao redor de Helder Macedo”, assinada por Camila da Silva Alavarce, professora doutora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (PPGLit/UFSCar), e também organizadora do evento que deu origem a este dossiê. Num texto sensível e instigante, Alavarce propõe uma aproximação crítica e afetiva da obra de Helder Macedo, com especial atenção à forma como o autor constrói, por meio de uma linguagem singular, personagens femininas que desafiam os limites da representação patriarcal. A

* MACEDO, Helder. **Uma Conversa entre Camila Alavarce e Helder Macedo**. Canal CECH UFSCar, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rejJX4gu-1I>. Acesso em: 22 maio. 2025.

autora enfatiza a riqueza estética e política de uma escrita que não se contenta com a repetição de estereótipos e propõe, em seu lugar, a criação de femininos múltiplos, contraditórios e, portanto, profundamente literários.

Partindo de uma leitura atenta e delicada, Alavarce destaca duas personagens marcantes do universo ficcional de Macedo: Joana, do romance *Vícios e Virtudes* (2002), e Paula, de *Pedro e Paula* (1999). A professora demonstra como o autor recorre a recursos como a ironia - geradora de ambiguidades e simultaneidades - para elaborar essas figuras, criando um espaço narrativo onde o feminino não é um dado, mas uma invenção em movimento. A linguagem torna-se, assim, instrumento de abertura e de pluralidade, operando na contramão de modelos fixos e binarismos normativos.

Além da análise literária, o texto de abertura também compartilha rapidamente os bastidores da organização do evento em homenagem a Helder Macedo para os leitores, revelando os afetos que mobilizaram o encontro e ressaltando a importância de se reconhecer, celebrar e estudar a obra de um autor que soube escrever o Outro - e, mais especificamente, a Outra - com alteridade e escuta. Nesse gesto, Camila da Silva Alavarce não apenas apresenta a obra de Helder Macedo, mas também oferece uma chave de leitura para o conjunto do dossiê: a valorização de uma literatura que pensa a linguagem como forma de invenção e de relação com a diferença.

O segundo artigo do dossiê é assinado por Marisa Corrêa Silva - professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM) vinculada ao Programa de Pós Graduação em Letras da mesma universidade e estudiosa renomada da obra de Helder Macedo - e intitula-se “Plot twist! Tradição, desejo e subversão em *Noite de Verão*, de Helder Macedo”. A partir de uma leitura atenta da novela publicada por Macedo em 2022, a autora propõe uma análise consistente que atravessa os limites da narrativa tradicional para adentrar os meandros do simbólico, do imaginário e do desejo. Em seu texto, a figura de Madalena - personagem central da narrativa - ganha destaque como ponto de inflexão entre identidade e memória, entre o que se repete e o que se subverte, entre o passado e a promessa do futuro.

Assim, o artigo se ancora em conceitos lacanianos - Desejo, Grande Outro, Objeto A, e os registros do Real, Imaginário e Simbólico - para analisar o modo como *Noite de Verão* (2022) se estabelece como uma narrativa de camadas, em que o jogo entre memória e invenção desestabiliza certezas e convoca o leitor a uma escuta mais atenta dos silêncios e das falhas da linguagem. Ao final, a leitura de Marisa Corrêa Silva nos convida a pensar não apenas na complexidade do texto macediano, mas também na potência da literatura como espaço de elaboração e subversão do desejo.

Entre as contribuições que dialogam com a multiplicidade da obra macediana, há o artigo de Nayara Meneguetti Pires, Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de São Carlos (PPGLit/UFSCar) e pesquisadora importante da obra macediana:

“Helder Macedo e seus contemporâneos: diálogos com Machado de Assis, Camões e Almeida Garrett”. O texto parte da ideia de que a obra de Macedo - atravessando gêneros como o romance, a poesia e o ensaio - carrega em si um movimento constante de autorreflexão e abertura ao diálogo com outras vozes literárias. Esses diálogos são lidos pela pesquisadora como escolhas éticas e políticas que revelam a forma como Macedo entende o papel do escritor e o lugar da literatura no mundo.

A autora propõe, com isso, uma leitura que ultrapassa os limites do texto isolado, considerando a obra macediana como um sistema autorreferente que se constrói na relação com seus “autores de eleição” - entre os quais estão figuras centrais da tradição literária portuguesa e brasileira, como Camões, Garrett e Machado de Assis. Desse modo, Pires demonstra como a intertextualidade se constitui como um gesto de escrita que, ao mesmo tempo em que retoma o cânone, o desloca e o reinscreve sob novas luzes.

O romance *Partes da África* aparece como exemplo privilegiado dessa operação, permitindo à autora observar como Macedo articula estruturas narrativas e jogos linguísticos que atravessam temporalidades e espaços, mas que sempre retornam à preocupação com o presente e com as formas de dizer aquilo que, historicamente, foi silenciado. A aproximação com Machado de Assis, por sua vez, enfatiza o uso político da ficção como espaço de resistência e reinvenção, onde o gesto literário não se dissocia de uma postura crítica diante do mundo. Ao fim, o artigo de Nayara Pires nos convida a pensar Helder Macedo não apenas como um escritor de múltiplas faces, mas como um autor que faz da escrita um lugar de escuta e reposicionamento constante.

Em seguida, aprofundando-se no estudo das representações da memória na prosa de Helder Macedo, Daniel Marinho Laks, professor adjunto e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar), assina o artigo “A memória é uma província da imaginação: uma leitura de *Partes da África*, de Helder Macedo”. A partir de uma leitura atenta do romance, o autor explora os limites e as zonas de contato entre memória e imaginação, entre experiência e ficção, que marcam profundamente a escrita macediana. Para Laks, o texto de Macedo não busca restaurar uma verdade do passado, mas sim elaborar, com a matéria instável da memória, uma verdade romanesca - aquela que se realiza no espaço da linguagem.

A análise parte de um consistente aparato teórico que inclui autores como Ricoeur (2004), Seligmann-Silva (2003), Cerdeira (2022), entre outros, e propõe uma reflexão crítica sobre os modos como a ficção pode funcionar como reconfiguração do vivido. Nesse sentido, *Partes da África* não é uma reconstrução nostálgica ou fiel da história colonial portuguesa ou das memórias familiares do autor, mas sim um espaço textual em que lembrança e elucubração se entrelaçam, abrindo brechas para a criação de um tempo ficcional.

Laks destaca, ainda, um artifício que se mostra fundamental para a tessitura do romance: a presença do “oxímoro” como figura que organiza tensões internas à narrativa. Recolhendo as contribuições de Cerdeira (2022), o autor observa como a construção de pares opostos serve para tensionar as identidades das personagens, revelando a instabilidade dos sujeitos e das memórias que os constituem.

Por sua vez, Maria Theresa Abela Alves, docente titular e professora aposentada da UFRJ com vasta produção sobre literatura portuguesa e, ainda, sobre a obra macediana, dedica seu artigo “Metamorfoses poéticas ou a ‘fidelidade essencial’” a uma observação crítica da obra lírica de Helder Macedo. A autora analisa a construção de *Poemas novos e velhos* (2011), livro que reúne os principais momentos da produção poética macediana, dispostos de maneira inversa à cronologia de sua escrita, fazendo com que os “poemas novos” figurem como os primeiros da coletânea e os “poemas velhos” sejam os últimos. A escolha formal - que rompe com expectativas causais - reflete uma postura estética que recusa verdades fixas e desconfia de vínculos absolutos entre tempo e sentido.

A análise empreendida pela autora revela como Macedo, por meio da insistência vocabular e de um rigor lexicológico e sonoro, elabora uma poética marcada por coerência temática e musicalidade recorrente. Desde o primeiro livro, *Vesperal* (1956-57), o poeta já apresenta um léxico noturno - “trevas”, “sangue”, “vazio” - que se estende por outras obras como *Nunca mais rosas* (1958-60) e *Lúcida Noite* (1961), sempre articulando vida e morte, manhã e noite, presença e ausência. A figura de Orfeu, o espelho e os dualismos estruturais ganham força na leitura proposta, principalmente na obras *Das fronteiras* (1962). Já em *Colagens* (2010-11), conjunto de doze poemas mais recentes que abrem a coletânea *Poemas novos e velhos*, observa-se o gesto final de inversão temporal como marca autoral: um poeta que organiza seus versos segundo uma lógica própria, guiada por ecos temáticos, pausas musicais e por uma “fidelidade essencial” à linguagem e ao ritmo.

Em seguida, no artigo “Helder Macedo, leitor de Cesário Verde”, Maria Lúcia Outeiro Fernandes - professora livre docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara), vinculada ao Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas, e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da mesma universidade - retoma a importância de Helder Macedo para os estudos literários, evocando inicialmente algumas memórias que marcaram sua relação acadêmica e afetiva com o autor homenageado. A partir dessa introdução carinhosa, a autora concentra-se na leitura crítica que Macedo realiza da obra de Cesário Verde, valorizando sua capacidade de interpretar o poeta a partir de uma perspectiva ideológica, formal e estética.

A análise de Fernandes aponta três eixos principais mobilizados por Helder Macedo na leitura da lírica cesariana: a postura político-ideológica do poeta; o método composicional de seus poemas, associado aos princípios estéticos desse movimento; e a tensão entre cidade e campo, trabalhada como forma de refletir

contradições da modernidade. Essa antinomia, longe de representar uma oposição estética, configura-se, segundo a autora, como motor das transformações no modo de representar a realidade - tensionando a tradição bucólica e abrindo caminho para novas formas de sensibilidade social. Com isso, Fernandes evidencia como Helder Macedo, ao comentar Cesário Verde, realiza uma leitura crítica atenta ao engajamento e à elaboração formal do poeta, contribuindo para a valorização de uma escrita poética capaz de conciliar ética, estética e reflexão histórica.

Então, no artigo “Para tão longo amor, tão curta a vida: algumas reflexões em torno do ensaio de Helder Macedo”, Jorge Vicente Valentim, professor da Universidade Federal de São Carlos e de seu Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar), propõe uma leitura analítica da atuação de Helder Macedo como ensaísta, destacando a relevância de sua crítica literária no contexto dos estudos portugueses.

Após uma introdução marcada por uma evocação memorialista de seus mestres e colegas, bem como uma homenagem àqueles que recentemente faleceram, o autor evidencia a importância do legado acadêmico e afetivo na constituição das trajetórias intelectuais. Em seguida, Valentim escolhe como foco o ensaio “As obscuras transparências de Bernardim Ribeiro”, publicado no volume *Viagem do olhar: retrospeção, visão e profecia no Renascimento português* (1998), escrito por Helder Macedo em coautoria com Fernando Gil. O autor sublinha como Macedo, em sua leitura de Bernardim Ribeiro, privilegia os aspectos auto-referenciais da novela *Menina e moça*, ressaltando imagens que se encontram em permanente mutação, em especial a figura da água.

Ainda, a análise evidencia a articulação que Helder Macedo estabelece entre Bernardim e Camões, sublinhando as afinidades temáticas relacionadas à ideia de mudança - “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” - e apontando para uma concepção renascentista do tempo marcada pelas metamorfoses. Assim, o artigo analisa que a proposta de Macedo se aproxima de uma leitura cultural e musical da obra, concebendo-a como uma cantiga de amigo amplificada, cuja estrutura pode ser comparada à forma musical de tema e variações, sempre marcada pela mutabilidade.

Enfim, o autor destaca que, segundo Helder Macedo, a compreensão do elemento trágico é fundamental, uma vez que pensar o outro implica pensar em si próprio. Nesse sentido, Valentim demonstra como o ensaísmo macediano opera uma reflexão profunda sobre o sujeito, a literatura e as transformações históricas e estéticas que moldam as obras e os leitores.

O próximo artigo é denominado “O Romance Possível”, escrito por Maria Lúcia Dal Farra, poeta, professora da Universidade Federal de Sergipe, e grande estudiosa da obra macediana. Aqui a autora debruça-se sobre *Romance* (2015), obra em que Helder Macedo radicaliza sua escrita ao subverter as expectativas do leitor e as lógicas do mercado editorial.

Assim, Dal Farra demonstra como Macedo, em diálogo irônico com a tradição literária, desoriente propositalmente o leitor, onde a linguagem - ambígua e cheia de “falsas etimologias” - torna-se o verdadeiro protagonista. A autora ainda destaca a metafíscão como eixo central: o romance não apenas expõe seus próprios mecanismos, mas também recusa qualquer verossimilhança. Através de uma análise minuciosa, o artigo demonstra como *Romance* opera como um exercício de “paradoxismo lógico” que desafia categorias como autoria, tempo e identidade.

No artigo “Sim, não, talvez: a ironia e a construção e efeitos de sentido de simultaneidade em *Pedro e Paula*, de Helder Macedo” - escrito por Camila da Silva Alavarce, professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (PPGLit/UFSCar), Larissa Bistafa Antunes de Oliveira e Julio Miguel Domingues da Silva Alves, mestrande e mestrando, respectivamente, em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar), e ambos sob orientação da professora Camila - encontramos uma análise contundente da narrativa de *Pedro e Paula* e, mais especificamente, dos recursos estéticos de que Helder Macedo lança mão, com o intuito de criar efeitos de simultaneidade.

Entre essas estratégias, está a ironia que, colocando em cena um pensamento por disjunção, favorece a tessitura de incongruências, criando um efeito de sentido de simultaneidade entre elementos - e leituras - que são divergentes. Esse tipo de funcionamento marca em especial a construção da personagem Paula, cuja identidade fica ancorada - por conta desse funcionamento estético - na singularidade, na liberdade e na capacidade de criação - em detrimento da repetição de estereótipos. O artigo traz, ainda, uma importante contribuição aos estudos em torno do intrincado conceito de ironia, pensado - a partir da narrativa macediana - em sua relação complexa com a contemporaneidade.

Seguidamente, o artigo “*Partes de África* (1991): Um Mosaico Colonial”, Franco Baptista Sandanello - professor adjunto da Academia da Força Aérea e docente vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar) - e Viviane dos Santos Cardoso, sua orientanda - e mestrande em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar) - analisam o romance *Partes de África* como uma obra fundamental para se pensar as relações entre memória, colonialismo e despertimento. Publicado em 1991, o romance constrói uma narrativa que entrelaça histórias pessoais e coletivas, expondo as fissuras do projeto colonial português a partir da perspectiva de um narrador que, embora filho e neto de administradores coloniais, assume uma postura explicitamente anticolonial. Assim, os autores destacam como a obra funciona - de forma ambígua - entre documento e ficção, questionando não apenas a violência do colonialismo, mas também seu legado persistente nas estruturas sociais e identitárias.

A análise mostra como Macedo subverte a linearidade histórica, apresentando memórias que mesclam o biográfico, o imaginado e o documental, num movimento

que desestabiliza as noções de verdade e ficção. Essa estratégia é lida a partir da perspectiva de autores como Fanon (2020) e Bhabha (2013), destacando-se os mecanismos de opressão colonial, como a imposição linguística e a violência física.

Um dos momentos centrais do artigo é a discussão sobre o décimo capítulo do romance, em que o narrador transcreve - e ficcionaliza - um relatório de seu pai. Ao alterar nomes e datas, a obra transforma o discurso histórico em literatura. Desse modo, o artigo ressalta como esse gesto reforça o anticolonialismo da obra: ao mesmo tempo que denuncia a brutalidade do sistema, o narrador assume sua dissidência intelectual e política, alinhando-se a uma tradição antissalazarista e antifascista. Por fim, conclui-se que *Partes de África*, mais do que um retrato do passado, é um alerta sobre a permanência de ideologias autoritárias no presente.

Em seguida, há o texto “Rasura: A Construção de Estereótipos sobre Paula, de Helder Macedo”, as autoras Sandra Mônica do Nascimento Moura, Doutora em Estudos de Literatura, e Penélope Eiko Aragaki Salles, Doutoranda em Estudos de Literatura, - ambas pelo (PPGLit/UFSCar) - examinam a personagem Paula, do romance *Pedro e Paula* (1999), como uma figura que desafia as estruturas patriarcais e coloniais que buscam defini-la. Embora a obra já tenha sido objeto de um artigo anteriormente apresentado - dada sua riqueza narrativa e temática -, este artigo destaca-se pela análise da emancipação feminina na obra em relação a estereótipos construídos, mostrando como a personagem Paula resiste às projeções opressoras da família e da sociedade.

De tal forma, as autoras iniciam contextualizando a representação da família na literatura portuguesa contemporânea, em diálogo com obras como *O Esplendor de Portugal* (1999), de António Lobo Antunes. Enquanto Lobo Antunes explora a identidade portuguesa através de um conjunto de personagens, Helder Macedo concentra-se na figura de Paula como símbolo de transformação - uma mulher cuja identidade é construída e, simultaneamente, rasurada pelo olhar alheio, mas que se recusa a ser capturada por essas narrativas.

O estudo recorre a Stuart Hall (2016) para discutir como os estereótipos atribuídos a Paula - ora associada à “democracia” e ao “poder feminino”, ora vista como transgressora perigosa - revelam as contradições da sociedade. Então, o artigo também estabelece um diálogo intertextual com Machado de Assis (em especial *Esaú e Jacó* e *Dom Casmurro*), sublinhando como Macedo ressignifica tradições literárias para criticar as estruturas de poder. A análise demonstra que Paula não é apenas vítima das projeções alheias, mas sujeito ativo que reinterpreta e subverte essas imagens, tornando-se emblemática da luta pela emancipação feminina.

A seguir, há o artigo resultante da Conferência de Encerramento do evento, proferida por Teresa Cristina Cerdeira, professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro e referência notável para os estudos em torno da obra macediana: “Quem Escreve se Descreve: Um Narrador em Passeio pela Ficção”. Nele, a autora oferece uma análise magistral da figura do narrador na obra ficcional de Helder

Macedo, destacando sua natureza ambígua, autobiográfica e metalingüística. Partindo da premissa de que Macedo é um escritor que transita com igual maestria entre a poesia, o ensaio e o romance, Cerdeira demonstra como seu projeto literário se constrói a partir de um narrador que não apenas conta histórias, mas se inscreve nelas - ora como testemunha, ora como personagem, ora como artifício de desconstrução das fronteiras entre realidade e ficção. O estudo percorre a produção romanesca de Macedo, de *Partes de África* (1994) a *Tão Longo Amor Tão Curta a Vida* (2012), revelando como o narrador macediano atua como um personagem que tece complexas redes intertextuais - de Bernardim Ribeiro a Machado de Assis - e dialoga com outras artes - ópera, pintura, cinema -, ao mesmo tempo que questiona os limites da representação literária.

Cerdeira inicia sua análise com *Partes de África*, no qual destaca como Macedo subverte o gênero autobiográfico ao ficcionalizar memórias pessoais e históricas, usando o narrador como “espelho concentrado” de uma contradição: a necessidade de representar o passado colonial português sem cair em dogmatismos. Esse movimento se repete, de formas distintas, em romances como *Pedro e Paula* (1998), em que o narrador migra da onisciência para a personagem, e *Vícios e Virtudes* (2004), onde a figura de Joana - uma mulher poderosa que recusa ser reduzida a personagem - simboliza a resistência à fixação narrativa. A análise de Cerdeira revela como Macedo explora a capacidade da literatura de habitar o outro (alteridade), seja ao assumir uma voz feminina em *Natália* (2009), seja ao confrontar-se com o fracasso do amor e da linguagem em *Tão Longo Amor Tão Curta a Vida*. Portanto, ao relacionar as leituras com reflexões teóricas sobre autobiografia, intertextualidade e pós-modernismo, o artigo não apenas destaca a obra de Macedo, mas também propõe uma chave de leitura para a literatura contemporânea: a escrita como “passeio” pelo real, no qual autor, narrador e personagem se confundem para questionar as ilusões da representação.

Por fim, este dossiê especial traz a conversa entre o nosso querido homenageado, o escritor, crítico e poeta Helder Macedo e a professora Camila Alavarce. O texto, que foi organizado por Camila da Silva Alavarce, Renan Henrique Messias de Paulo e Tania Mara Antonietti Lopes, parte da conversa entre Camila e Helder, ocorrida dias antes do evento; ela foi transmitida no dia da homenagem e disponibilizada no Canal do Centro de Ciências Humanas (CECH/UFSCar)¹. De maneira muito descontraída, num diálogo que se foi estabelecendo espontaneamente entre o escritor e a grande admiradora de sua obra, Helder Macedo fala sobre os temas fundamentais que perpassam a sua escrita, como crítico, como poeta, como ficcionista - como homem, enfim, pensador de si, do outro, da realidade ao seu redor. Entre esses temas, o “dentro” e o “fora” do texto narrativo, a ausência de fronteiras, a questão da memória e da imaginação; a construção da

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=rejJX4gu-1I>

Apresentação

identidade como fluidez, provisoriação e autonomia - que, para ele, precisa marcar também o processo criativo das personagens, para que não se tornem falsificadas; a sexualidade feminina, a tentativa de usurpação da identidade feminina pelo sistema patriarcal e a questão do poder; as técnicas de construção narrativa de efeitos de simultaneidade - como a ironia e a sintaxe surrealizante - para se chegar a uma tessitura possível do onírico, do movediço e do incorpóreo.

Entre alegrias, risos e muita cumplicidade, Camila Alavarce - acostumada aos caminhos narrativos movediços da ficção macediana, que ela ama e estuda, - acompanha, desta vez, Helder Macedo num passeio cujas possibilidades de formação são, portanto, amplas, passando, ainda, pela necessária discussão filosófica e literária em torno da alteridade e do amor - um amor possível apenas na complementaridade das diferenças, como tão bem desenhou, e de tantas maneiras (im)possíveis, o nosso querido homem homenageado. Foi um grande encontro, delicado, emocionante, profundo, generoso! A Revista Itinerários tem, pois, a alegria e a honra de trazer o registro dessa festa no presente dossiê dedicado a Helder Macedo.

*Camila da Silva Alavarce
Larissa Bistafa Antunes de Oliveira
Marisa Corrêa Silva*

